



MARKETING

Cientistas na vitrine

Análise de mercado pode auxiliar pesquisadores a elaborar um bom currículo acadêmico, aumentando as chances de inserção em grupos de pesquisa

As estratégias de análise de mercado podem ser de grande valor para pesquisadores interessados em avançar na carreira, aumentar a visibilidade de suas pesquisas e ampliar parcerias e apoios para investigações. Essa é uma das conclusões do geólogo Peter Fiske, do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley, nos Estados Unidos. Em artigo recentemente publicado na revista *Nature*, ele explica como cientistas podem usar essas estratégias para elaborar um currículo mais adequado e se inserir com mais facilidade no mercado de trabalho acadêmico.

O primeiro passo consiste em listar habilidades, experiências e interesses e, então, mapear as áreas em que o perfil é mais valorizado.

Por seu caráter reflexivo, o exercício, segundo Fiske, pode contribuir para o desenvolvimento de uma visão mais ampla sobre os desafios da própria área de conhecimento.

Ele também lembra que muitas agências de fomento costumam publicar relatórios sobre áreas prioritárias de pesquisa antes de lançar chamadas de propostas. Nada mais recomendável, portanto, que os cientistas examinem esses documentos e verifiquem se suas ideias estão alinhadas aos interesses da instituição e seus projetos em sintonia com as demandas dos editais. “Os cientistas tendem a esperar a publicação dos anúncios para enviar seus currículos ou projetos de pesquisa, na expectativa

de que suas experiências sejam analisadas em detalhe”, anotou.

Foi o que constatou o professor Carlos Eduardo Vergani, da Faculdade de Odontologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* Araraquara. Um dos responsáveis pelo processo de seleção de candidatos a estágio de pós-doutorado no Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais, um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) da FAPESP, recentemente ele usou o portal ResearchGate para divulgar uma oportunidade de trabalho. “Recebemos 45 currículos, 21 deles de pesquisadores do exterior”, diz.

A vaga estava inserida em um projeto de pesquisa cujo objetivo é avaliar a resposta fisiológica das bactérias *Staphylococcus aureus* e

Streptococcus sanguis ao tungstato de prata, composto químico com propriedades antimicrobianas. “Precisávamos de alguém com experiência na técnica de citometria de fluxo e microbiologia”, explica Vergani. Apenas 11 candidatos tinham essa experiência. “Todos eram qualificados, mas muitos ignoraram esse pré-requisito”, diz. “Dada a complexidade da pesquisa e a especificidade da vaga, os que não tinham o conhecimento exigido foram excluídos do processo de seleção.”

Como Fiske, Vergani recomenda que, antes de submeter uma candidatura, os pesquisadores avaliem as atividades e produções recentes do grupo ao qual pretendem se associar, para identificar se suas habilidades e experiências estão próximas às necessidades do projeto. Essa análise também pode servir de orientação sobre, por exemplo, técnicas com as quais é preciso ter familiaridade, antes de pleitear uma posição de pesquisador em determinado grupo, observa Emma Baker, consultora de carreiras do King’s College London, na Inglaterra.

Baker é autora de outro artigo, também publicado na *Nature*, sobre como cientistas podem elaborar um bom currículo. De acordo com ela, os currículos acadêmicos se distinguem dos tradicionalmente utilizados no mercado, dentre outros motivos, pelo fato de os pesquisadores precisarem apresentar e detalhar suas pesquisas, experiência e financiamentos previamente concedidos, além de listar suas publicações mais relevantes.

Independentemente do tamanho do currículo, destaca Baker, é importante que os dados sejam organizados em consonância com os requisitos da vaga para a qual ele será submetido. A melhor maneira de personalizar o conteúdo de um currículo é torná-lo compatível com as especificações de cada oportunidade, explica. Assim, sugere ela, “avalie bem todas as especificidades da vaga almejada



e procure adequá-la a ela, ressaltando experiências, habilidades e publicações mais alinhadas às necessidades do empregador.”

Baker também orienta os pesquisadores a utilizarem suas redes de contatos para obter informações sobre determinado departamento ou grupo de pesquisa. Na avaliação do biólogo Eduardo Bessa, da Universidade de Brasília (UnB), isso pode contribuir para o mapeamento de oportunidades de trabalho e novas parcerias em projetos de pesquisa. Sua sugestão: “Relacione-se com pesquisadores de empresas ou instituições de ensino e pesquisa com quem seja possível trocar informações, permitindo, assim, que conheçam seus interesses, habilidades e produções”.

Nesse sentido, é igualmente relevante que os pesquisadores criem e mantenham perfis profissionais atualizados na internet e invistam em estratégias de divulgação de seus trabalhos nas redes sociais, em blogs ou portais de acesso aberto, como o ResearchGate e a Academia.edu.

É o que tem feito o biólogo brasileiro Alysson Muotri,

da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos. Muotri trabalha em pesquisas nas áreas de genética e neurociência e há muito investe na divulgação de sua produção, sobretudo por meio de artigos e livros. Ele recomenda que os cientistas criem perfis no LinkedIn e usem esses perfis “para escrever textos sobre assuntos relacionados às suas áreas de pesquisa”.

O biólogo conta que também costuma enviar artigos científicos de sua autoria a seus pares, para que tomem conhecimento do que está pesquisando. “Com isso, o pesquisador fica mais visível para outros cientistas e eventuais parceiros privados interessados em estabelecer cooperação”, destaca. Marcos Facó, diretor de comunicação e marketing da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro, concorda com a importância de se trabalhar na construção de uma imagem perante os pares. “Os efeitos dessa ação podem resultar em convites para palestras, consultorias ou até mesmo participação em pesquisas de outras instituições”, diz. ■

Rodrigo de Oliveira Andrade

No lixo, a literatura

Depois de passar a infância trabalhando em um aterro sanitário, Dorival dos Santos Filho conclui doutorado em linguística

Em meados de 1997, aos 15 anos de idade, Dorival Gonçalves dos Santos Filho já havia lido quase toda a obra de Machado de Assis. Os livros, no entanto, não foram retirados de uma biblioteca, mas do lixão em que trabalhava com a mãe e as irmãs, no município de Piedade, interior de São Paulo. Em meio à rotina de buscar o sustento da família em aterros sanitários, ele encontrou quase 3 mil títulos em uma década. Em casa, organizava-os em caixotes no quarto que dividia com o irmão mais novo.

Naquela época, Dorival tinha concluído o ensino fundamental, e as dificuldades em conciliar as aulas com o trabalho no aterro acabaram por obrigá-lo a abandonar a escola. Sua paixão pela leitura, no entanto, não diminuiu, motivando-o a cursar o ensino médio em 2003, aos 21 anos. Estudava à noite e, de dia, seguia trabalhando no lixão. “As professoras aos poucos perceberam minha inclinação para a literatura”, diz Dorival. “À essa altura, já tinha lido os principais clássicos brasileiros”, conta, sem esconder sua predileção por *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Elas começaram, então, a incentivá-lo a fazer uma graduação em letras. No início, relutou. “Um dia, prestes a concluir o ensino médio, alunos da Unesp [Universidade Estadual Paulista] deram uma palestra na minha escola e disseram que os dois estudantes com as melhores notas teriam isenção na taxa de inscrição para o vestibular”, recorda. Ele e um colega de sala foram selecionados.

Dorival intensificou os estudos e, com ajuda da mãe, viajou a Sorocaba para fazer a prova. “Quase não acreditei quando vi meu nome na lista de aprovados”, relembra. Mudou-se para Assis no início de 2007, com alguns livros na bagagem. Arrumou-se em uma república e, um mês depois, começou a receber a bolsa auxílio da Unesp. “Para ter direito ao benefício, tive de escolher um professor para orientar um projeto de iniciação científica”, conta. Por influência do orientador, fez um projeto de pesquisa em linguística sobre *Ensaio de retórica conforme o methodo e doutrina de Quintiliano*, publicado em 1779 pelo frei português Sebastião de Santo Antônio.

No fim de 2010, concluiu a graduação, habilitando-se em

português-francês e começou a avaliar a possibilidade de seguir a carreira acadêmica. Por indicação de seu orientador, optou pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cuja pós-graduação em linguística é uma das melhores do Brasil. Aprovado na seleção do mestrado, no ano seguinte foi morar em Florianópolis, onde também fez seu doutorado em linguística.

Apesar de ter sido aceito para um período de pesquisas na Universidade de Paris 7, na França, em 2017, Dorival teve de desistir da viagem depois que a bolsa que havia solicitado a uma agência de fomento federal não lhe foi concedida, por falta de recursos. Não abandonou, no entanto, a ideia de estudar no exterior.

“Sigo em contato com o grupo do linguista Jean-Michel Fortis, do Laboratório de História das Teorias Linguísticas da Paris 7”, diz Dorival. A ideia é fazer um estágio de pós-doutorado na área de tipologia linguística, com foco no português brasileiro. Desde o início deste ano, Dorival é professor de português na escola municipal de ensino fundamental Alfredo Rohr, em Florianópolis. ■ R.O.A.

Santos em frente aos livros achados no lixão de Piedade: 3 mil títulos em 10 anos